

Família Pereira da Cunha

Sob Minha Ótica



Sandra Cunha

Sandra Cunha

Família Pereira da Cunha

Sob Minha Ótica



Rio de Janeiro
2017



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo contido na sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

**Família Pereira da Cunha.
Sob Minha Ótica**

Copyright © 2017, Sandra Cunha

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes

Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro

Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa:

www.pixabay.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C98f

Cunha, Sandra

Família Pereira da Cunha: sob minha ótica / Sandra Cunha. 1ª ed. – Rio de Janeiro: PoD, 2017.

116p: il.; 21cm

Inclui índice

ISBN 978-85-8225-151-5

1. Cunha, Sandra - Família. 2. Pereira da Cunha (Família). 3. Mulheres - Brasil - Biografia. I. Título.

17-45533

CDD: 929.2

CDU: 929.52

19.10.17

20.10.17



Pedro Sebastião da Cunha e Ethelinda Pereira da Cunha.

SUMÁRIO

AMADOS LEITORES.....	9
DE ONDE VIM?	11
DESCENDÊNCIA PATERNA	13
FAMÍLIA DA CUNHA.....	23
DESCENDÊNCIA MATERNA.....	27
A VIAGEM	47
A MUDANÇA PARA A RUA FRANCISCO CARVALHO	79
A SAÍDA DA RUA FRANCISCO CARVALHO.....	95
A MUDANÇA PARA A AVENIDA NOVE DE JULHO	99

AMADOS LEITORES

A chegada aos 50 anos trouxe-me muito mais que mudanças físicas e o popular calor feminino; o recolhimento e infinitos pensamentos sobre tudo que se foi e ainda o que será vivido fizeram morada nos meus dias.

Esses devaneios sobre o tempo chegaram junto com um profundo desejo de registrar como a família “PEREIRA DA CUNHA” foi determinante em minha vida e consequentemente na vida de meus descendentes.

Como definir acontecimentos da vida de meus ancestrais que insistem em visitar repetidas vezes meus pensamentos? Saudades? Penso que não, pois sinto-os vivos! Dentro de mim sou invadida por um enorme prazer e orgulho de onde vim e da família que construí, e principalmente vejo meus pais através da vida de meus irmãos, sobrinhos, filhos e de minha primeira netinha Rafaela. Percebo então o quanto eles vivem através de nós.

Minha pretensão é fazer uma narrativa sobre as histórias de minha família “*Sob minha Ótica*”.

Com todos os meus sentimentos e percepção vida a fora, sinto um desejo incontrolável de escrever minhas memórias sobre esta grande, confusa e amada família.

Também não tenho certeza se meus descendentes terão necessidade ou curiosidade em conhecer nossa história “*Sob minha Ótica*”, porém necessito eternizar meu sentimento de amor, respeito e gratidão aos meus pais irmãos e a minha sábia Avó Áurea.

DE ONDE VIM?

Foi na madrugada do dia 05 de dezembro de 1962 quando fui apresentada ao mundo, iniciando meu processo de conhecimento e participação no CLÃ PEREIRA DA CUNHA: PEREIRA de minha saudosa mãe e DA CUNHA de meu amado Pai. Minha família foi composta por oito membros: meu pai PEDRO SEBASTIÃO DA CUNHA e minha mãe ETHELINDA PEREIRA que, ao se casar, passou assinar ETHELINDA PEREIRA DA CUNHA. Minha avó chamava-se ÁUREA ANGÉLICA RAMOS PEREIRA. Em minha casa fomos cinco irmãos, aqui apresentados em ordem decrescente: MARIA CONCEIÇÃO APARECIDA DA CUNHA, SÓSTENÊS DA CUNHA, SOLANGE DA CUNHA, MANOEL CARLOS DA CUNHA e eu, a segunda filha dessa prole, SANDRA MARIA DA CUNHA.

Essas duas famílias foram determinantes na construção das muitas personalidades, qualidades e defeitos meus e de meus irmãos. Mas, esse é um assunto que merece outro livro.

DESCENDÊNCIA PATERNA

Meu avô paterno era um descendente de portugueses chamado Maurílio Alves da Cunha que nasceu em 13 de setembro por volta do ano 1902 e faleceu em 13 de abril de 1976, era natural da cidade de Miranda (Mato Grosso do Sul-MS), onde passou sua infância e parte de sua juventude. Seus pais se chamavam Pedro Alves Cunha e Maria Alves Cunha. Meu avô teve três irmãos: Joana Alves Cunha, Pedro Alves Cunha e João Alves Cunha.

As informações sobre nossos antepassados paternos provêm da memória dos mais velhos da família.

Em minhas recordações de infância lembro-me que o convívio com a família *DA CUNHA* era marcado por encontros anuais, ocasião em que meus avós e tios visitavam nossa família ou quando por algumas poucas vezes estivemos em Três Lagoas, MS, na casa do Tio Eracilde que era irmão do meu pai e Tia Isolina.

Conta-se que a família *DA CUNHA* era de lordes portugueses e que vieram para o Brasil apenas dois irmãos. Por razões desconhecidas, eles brigaram e se separaram nascendo a FAMÍLIA DA CUNHA a qual pertencemos por um erro de cartório, visto que todos os familiares de meu pai assinam apenas CUNHA.

Meu avô Maurílio era um homem com, aproximadamente, 1,75m, de cabelos grisalhos, nariz e orelhas grandes, seus olhos eram pretos, distantes e tristes; passando a impressão que ele estava sempre olhando para o nada. Falava pouco, e não tinha proximidade com crianças; seu jeito sério me deixava com medo. Lembro-me que em suas poucas visitas a Valparaíso ele fazia consertos na casa e no telhado e durante os consertos

sempre usava macacão com muitas ferramentas na cintura. Esta é a única e pouca lembrança que tenho de meu avô.

Minha avó THEREZA ALBUQUERQUE que, como era costume na época de seu casamento, passou a assinar THEREZA ALBUQUERQUE DA CUNHA; ela era descendente de português com índio; nasceu no dia 10 de dezembro de 1906 na aldeia LALIMA, município de Miranda (MS), onde vivia sua mãe, uma índia da etnia Terena. Vó Thereza faleceu no dia 12 de abril de 2001 em Brasília (DF), capital do país.

Seu pai, José Bonifácio de Albuquerque, um rico fazendeiro que fazia parte da nobreza local, começou a se relacionar maritalmente com a índia Maria Rita Vieira, cujo nome tribal nós não conhecemos e juntos tiveram dois filhos, Thereza e Joca.

Thereza contava que sua mãe Maria Rita era uma “filha da terra” que habitava juntamente com seus familiares na aldeia LALIMA, em Miranda (MS). Acreditava que seus pais viveram uma linda história de amor proibido e por convenções sociais se separaram. Porém, a história mostra uma prática comum no século XIX: fazendeiros se utilizavam das nativas para satisfazerem suas necessidades sexuais e a de seus filhos sem nenhum compromisso legal nem com a mãe nem com os filhos nascidos deste relacionamento.

Do relacionamento entre a índia Maria Rita e José Bonifácio Albuquerque, filho do português, dono da Fazenda Pitangueiras onde ficava a aldeia LALIMA, nasceram dois filhos: Thereza Albuquerque (minha avó) e seu irmão João Cândido Albuquerque (Tio Joca).

A organização social funcionava como castas, pois do modo como ouvi as histórias, ser filho bastardo de um rico fazendeiro, mesmo sendo deserdado, ainda era socialmente mais aceito do que ser nativo, ser nativo ou índio era pertencer

a uma casta inferior. É como se minha avó fosse parcialmente humana e só conseguiu a humanidade plena quando se casou com meu avô Maurílio, um puro sangue.

Apesar de bastarda, Thereza teve uma infância de princesa e regalias de sinhazinha, possuía uma criada só para atender suas necessidades pessoais e lhe fazer companhia, essa criada era responsável por preparar e ajudá-la durante o banho, pentear seus cabelos, preparar sua cama, suas vestes, acompanhá-la em passeios, entre outros afazeres. Do modo como a história é relatada, verifica-se uma notável preferência de meu bisavô pela filha Thereza.

O relacionamento do meu bisavô José Bonifácio com minha bisavó Maria Rita foi permitido, mas não foi aceito ou oficializado, e por permitir algumas mordomias aos netos, tais como morar na “casa grande”, serem batizados com o nome da família, não foi suficiente para torná-los herdeiros ou impedir o meu bisavô de se casar; ao encontrar a mulher adequada para os padrões burgueses da época, meu bisavô, por determinação de seu pai, abandonou sua esposa índia na aldeia e se casou com sua jovem esposa branca, formando assim sua família. Os filhos da índia vieram morar com ele. Mas, este casamento foi um desastre na vida de minha avó e de seu irmão. Por serem mestiços e filhos de índia, eram maltratados e desprezados pela madrastra.

Se por um lado José Bonifácio Albuquerque decantava seu amor pela filha Thereza em versos, por outro permitia que sofresse as mais cruéis humilhações praticadas pela madrastra. E foi nessa contraditória vida afetiva que minha maravilhosa avó Thereza passou sua infância, quando todas as mordomias, aos poucos foram sendo retiradas passando de patroa à empregada em curto espaço de tempo.

A família precisava de um motivo para deserdá-la, então a história do casamento de Thereza com Maurílio e de Joca com

uma bugra¹ foi a desculpa utilizada para justificar o que já estava sendo feito desde que meu bisavô se uniu com uma filha da terra.

Estando a moça Thereza na idade de se casar, seu pai, seguindo os costumes da época e utilizando-se do prestígio do nome de sua família, arrumou casamento para a filha com o jovem filho mais velho de um rico fazendeiro, amigo da família. Seguindo as tradições, no dia do noivado, toda a família do noivo compareceu na casa do pai da noiva para oficializar a cerimônia e marcar a data do enlace. Mas a família não contava que uma troca de olhares entre a menina Thereza e o irmão caçula do noivo Maurílio, mudaria a história traçada pelos pais. Apaixonados, tarde da noite do noivado, Thereza e Maurílio fugiram.

O preconceito sofrido pelos filhos mestiços foi desumano, apesar de morarem na mesma cidade do pai, avós, tios e primos, eles não tinham contato com ninguém da família Albuquerque. O contato de minha avó Thereza era somente com seu irmão Joca que ficou cego e morreu na miséria, mesmo sendo filho de um rico fazendeiro; minha avó continuou visitando a aldeia LALIMA até a velhice e depois de sua morte, tia Lila deu continuidade às visitas levando, anualmente, roupas, sapatos e qualquer coisa que pudesse ajudar nossos parentes índios.

Preservo na memória minha amada e bondosa avó com seus cabelos brancos como chumaços de algodão que, com ajuda de uma tiara, eram mantidos sempre para trás. Sua pele era branca e seus olhos negros estavam esbranquiçados devido a uma catarata operada posteriormente. Ela mancava de uma perna em consequência de uma doença contraída já na idade

¹ Bugra: pessoa sem cultura, rude, grosseira. O masculino é bugre.

adulta. Gostava de usar vestido tubinho com botões e grandes bolsos na frente. Tinha preferência por estampas com flores miúdas de cores suaves. Estava sempre cheirando a talco e suas unhas eram esmaltadas de rosa claro.

Minha avó nunca reclamava e pouco falava sobre seus pais. Sempre tentava ver o que cada um tinha de melhor e exaltava as qualidades de seus filhos e netos. Às vezes, ela exagerava tanto nas qualidades de um familiar que eu ficava procurando aquela qualidade a que ela se referia e me perguntava: “será que ela está falando desta pessoa mesmo”? Mas, como ela era minha avó querida eu acreditava naquela família perfeita que ela sempre narrava.

Estas duas bondosas pessoas – Thereza e Maurílio – tão importantes em minha vida tiveram quatro filhos: Maria Manuelina Cunha, Eracilde de Jesus Cunha, Maria da Conceição Cunha e meu pai Pedro Sebastião da Cunha. E eles se casaram e também tiveram filhos:

Maria Manuelina da Cunha (era chamada de Lila) casou-se com Severino e teve uma filha chamada Maísa.

Eracilde de Jesus da Cunha casou-se com Isolina e tiveram cinco filhos: Rodel; Wanderley (Wandy), Edna, Wilson e Paulo.

Houve um período em minha infância que Wanderlei (Wande ou Wandy) e Wilson frequentavam assiduamente minha casa, por estudarem no Colégio Técnico Agrícola em Adamantina, cidade vizinha de Valparaíso, SP, onde morávamos. Wandy era afilhado de meus pais; um jovem muito carinhoso com todos de nossa família. Wilson era um lindo e reservado jovem moreno com olhos tristes que lembravam os olhos de meu avô Maurílio. Depois que se formaram, a vida de cada um tomou seu curso e, gradativamente, nos distanciamos.

Maria Conceição da Cunha casou-se com José e teve

quatro filhos: Maria Tereza, Marta Tery, Mário e Murilo. Tia Maria morreu no parto de Murilo e ele foi criado por minha tia Lila. Quando menina eu achava que ela era rica porque tinha um Fusca e morava em um apartamento na Tijuca, bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro.

A vida é assim, até os parentes precisam ser alimentados com atenção e carinho e, neste caso, acredito que pela distância geográfica e as dificuldades financeiras, romperam-se os vínculos com tios e primos, porém hoje, com a morte de meus pais, sinto necessidade de resgatar as memórias perdidas sobre estas duas adoráveis famílias: Família Pereira e Família da Cunha.

Pedro Sebastião da Cunha, meu pai, nasceu no dia 1º de dezembro de 1935 e passou sua infância em Miranda (MS), juntamente com seus familiares. Estudou até o quarto ano do grupo ou quarta série do ensino fundamental.

Não temos conhecimento sobre seu desempenho escolar, mas minha avó dizia que ele foi uma criança bem-comportada e que os adultos e as crianças gostavam dele. Penso que com relação ao meu pai ela não exagerava, pois na fase adulta ele também foi assim, um homem de bons relacionamentos; que vivia sonhando com um mundo melhor onde as pessoas se respeitassem e todos tivessem oportunidades iguais.

O mais engraçado é que mesmo tendo um pensamento inteiramente voltado para o bem-estar da coletividade, não era adepto aos partidos políticos socialistas ou comunistas. Acredito que como vivenciou toda repressão da ditadura militar no pós-guerra, idealizava um mundo com direitos iguais para todos e garantidos através de um sistema de governo democrático.



Pedro Sebastião da Cunha - 07 anos. Miranda – MS.

Como todo menino ele adorava jogar bola e alimentava o sonho de ser jogador de futebol e, foi este sonho que, aos 13 anos, o levou a sair de casa para jogar bola. Segundo minha avó ele ficou desaparecido por, aproximadamente, cinco anos, e quando enviou as primeiras cartas já estava instalado no Rio de Janeiro onde se alistou e serviu a Marinha do Brasil aos 18 anos.

A família de meu pai era itinerante devido sua natureza indígena, era liberta de qualquer convenção social, ora estava em Miranda, ora em Bela Vista e, então, para ir morar no Rio de Janeiro foi uma decisão muito fácil, pois eles tinham um jeito diferente de ver e viver a vida.

A descendência indígena de minha avó, misturada com a do meu avô, de portugueses desbravadores, fazia deles pessoas com comportamento e costumes diferentes de outras famílias. Anualmente, faziam uma turnê na casa dos parentes e quando ali chegavam, implantavam seus hábitos e costumes: sentavam-se em rodas para bater papo e tomar tereré²; pareciam pessoas tranquilas e sem problemas aparentes; tinham um modo diferente de se comportar diante da vida, e eu gostava do jeito diferente que viviam.

Nunca estavam sozinhos, havia sempre a companhia uns dos outros, eu era apenas uma criança e ainda não havia aprendido que de longe tudo mundo parece normal. Nas rodas de tereré falavam em guarani, e sempre uma criança se encarregava de servi-los.

Meu pai, apaixonado por futebol, por várias vezes não compareceu em suas escalas de guarda da Marinha do Brasil e chegou a cumprir pena pela indisciplina. Para ele, cumprir sua obrigação militar, ajudar nas despesas da casa e jogar futebol não era uma tarefa muito fácil. Então, certo dia, meu avô Maurílio, cheio das trapalhadas de seu filho caçula, expulsou-o de casa, dizendo que não iria favorecer a vida de nenhum filho vagabundo. Sua paixão por futebol o levou a abandonar a Marinha e sair em busca de seu sonho, rumo ao interior paulista.

Não temos muitas informações sobre este período de sua vida. Ficou registrado que era um excelente jogador e estava atuando na cidade de Castilho, SP, onde recebeu o codinome de “Paraguai”.

² Tereré é uma bebida que se obtém por infusão do mate com água bem gelada ou com suco de limão gelado; variação do chimarrão gaúcho, servido gelado e consumido, principalmente, nos dias quentes (Dicionário Sacconi, 2010).



Meu pai, Pedro Sebastião da Cunha ou “Paraguai”, é o quarto homem em pé, da esquerda para a direita.

Nesta ocasião recebeu proposta para jogar no VALPARAÍSO FUTEBOL CLUBE. Com problemas no joelho e sabendo que sua carreira de jogador de futebol seria encerrada em breve, aceitou a proposta do clube com a condição de lhe arrumarem um emprego e resolver sua pendência com o serviço militar. Foi assim que meu pai iniciou sua carreira como funcionário público na Prefeitura Municipal de Valparaíso (SP) e resolveu o problema com a Marinha do Brasil.

A atuação de “Paraguai” em campo era conhecida e admirada por todos. Tinha habilidade não apenas com a bola, mas também com as pessoas. Adorava a natureza e sempre que podia se refugiava na beira de rios para caçar, pescar e nadar, pois era um excelente nadador. Nunca se metia em confusão, ele dizia: “Saio de casa para me divertir” “Olha, meus filhos, brigar nunca vale a pena” “Enquanto eu correr minha mãe tem filho vivo”.

Possuía amigos de todas as classes sociais e não diferenciava pessoas. Tratava a todos com o mesmo respeito e amor. Como todo bom descendente de índios ele adorava carne, gostava de churrasco e sendo um bom churrasqueiro era convidado para ajudar em casamentos e festas da cidade e que em um período difícil de nossa família, garantiu muitas vezes a mistura da semana.

Meu destino começou a ser traçado com a chegada de meu pai na cidade de Valparaíso (SP).

FAMÍLIA DA CUNHA

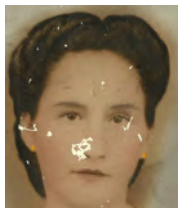


Tereza Albuquerque da Cunha ★09/12/1910 †2005
Maurílio Alves da Cunha ★13/09/1910 †1974

Raiz paterna



Maurílio Alves da Cunha



Thereza Albuquerque da Cunha



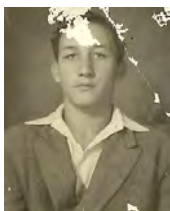
Maria Manoelina da Cunha



Maria Conceição Ap. da Cunha



Eracilde de Jesus da Cunha



Pedro Sebastião da Cunha



Raiz masculina da Família Pereira da Cunha



PEDRO SEBASTIÃO DA CUNHA, aos 18 ANOS.



Abaixados, da esquerda para a direita: Wilson da Cunha e Mário Tércio; sentados na calçada, da esquerda para a direita: Vó Tereza com Tery no colo, Tia Lila, Rodel, Wanderley, Maísa, Edna e Tereza; sentados nas cadeiras, da esquerda para a direita: Vô Maurílio e Tio José; em pé, da esquerda para a direita: os três primeiros são desconhecidos para mim, Tio Eracilde, Tia Isolina e Tia Maria.



A PoD Editora
garante, através do selo FSC
de seus fornecedores, que a
madeira extraída das árvores utilizadas
na fabricação do papel usado neste livro, é
oriunda de florestas gerenciadas,
observando-se rigorosos critérios
sociais e ambientais e de
sustentabilidade.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

212236-0844

2017